

**JOÃO CABRAL DE MELO NETO – O POETA CRÍTICO DA IMPRENSA  
PERNAMBUCANA DOS ANOS 1950**

Março de 2016 a fevereiro de 2017 – Bolsa Iniciação Científica Pibic/Fapemig

Ana Carolina Cavalari Arrais  
[arraisana94@gmail.com](mailto:arraisana94@gmail.com)

Joelma Santana Siqueira  
[jandraus@ufv.br](mailto:jandraus@ufv.br)

**Resumo:**

João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999) nasceu no Recife, porém, viveu parte da infância nos engenhos de açúcar pertencentes à sua família. Como escritor, fez parte da dita “geração de 45” e publicou obras consagradas pela crítica brasileira, tais como *O cão sem plumas*, *O rio* e *Morte e vida severina*. Profissionalmente, exerceu carreira como diplomata, o que possibilitou contato direto com diversas culturas, línguas e literaturas. O pernambucano pode ainda ser considerado poeta crítico, pois além da produção de sua obra poética, há em João Cabral a necessidade de refletir sobre arte. A partir desta pesquisa, fez-se presente a discussão da visão crítica do poeta em relação à literatura e à realidade social brasileira nos anos 1950. Para isso, realizou-se pesquisa bibliográfica, levantamento e análise de dados. O Brasil estava sob o comando do segundo mandato varguista, sofrendo os efeitos da guerra fria e a arte era influenciada pelo realismo socialista. Em meio a esse contexto, foi aberto, em 1952, um inquérito no Itamaraty contra João Cabral, acusando-o de práticas subversivas contra o governo vigente. Tal acusação ocorreu por causa de uma carta do poeta ao amigo e diplomata Paulo Cotrim, requisitando um artigo para a revista do Partido Trabalhista Inglês. O fato teve repercussão midiática através do opositor ao governo Vargas, Carlos Lacerda. João Cabral, em meio às investigações, fica em disponibilidade por dois anos sem direito a remuneração, sendo esse período de intensa produção literária e crítica. Sua obra de destaque é um poema narrativo sobre o rio Capibaribe, intitulado *O rio ou a relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*. Nota-se na poética de João Cabral, junto ao seu trabalho como crítico, um escritor que rompe com o abstracionismo na arte, criando um estilo primordialmente imagético e de força concreta. Cabral não nega a poesia tida sob efeito da inspiração, mas acredita que esta é inferior a um trabalho intelectual, pois configura-se como mera transmissão de experiência do poeta. Ele compõe em *O rio* um longo poema sobre a realidade social, usando a linguagem literária como denúncia da pobreza material, ciente de que o poeta deve escrever sobre aquilo do qual é próximo de maneira objetiva e por meio de um intenso trabalho de elaboração de linguagem.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira; João Cabral de Melo Neto; Literatura e imprensa.

João Cabral de Melo Neto (1920-1999), nascido no Recife (PE), é considerado um dos principais poetas do século XX. Estreante em 1942 com a obra *Pedra do sono*, já revelava uma poética precursora da corrente concretista no Brasil. Seu nome ficou consagrado com o auto *Morte e vida severina*, publicado em 1956 e com montagem de sucesso na inauguração do Teatro da Universidade Católica (TUCA) de São Paulo, em 1966. A obra foi adaptada para o cinema, em 1977, a televisão, em 1981, e a história em quadrinhos, em 2010.

A presença do poeta foi marcante na imprensa pernambucana, sobretudo no mais antigo jornal da América Latina, o *Diário de Pernambuco*, onde publicou entrevistas, textos críticos e literários. Manifestou várias vezes seu apreço pela literatura realista em detrimento do que ele chamou de literatura abstrata. Na década de 1950, enquanto se observava os efeitos da Guerra Fria no Brasil e no mundo, João Cabral se encontrava no exterior em serviço diplomático no Itamaraty e publicava o livro de poesia *O cão sem plumas*. Quando o escritor retornou ao Brasil no início dos anos 1950, observa-se em seus escritos críticos a defesa de uma literatura comprometida com a realidade social nordestina.

A obra intitulada *Duas Águas*, publicada em 1956, a princípio marcaria a divisão da poética do autor em duas vertentes. Na “primeira água”, Cabral situa poemas experimentais, abundantes em metalinguagem. São obras metafóricas e voltadas para leitura silenciosa. Já na “segunda água”, situa poemas que visam atingir um público amplo, leitores da literatura de cordel. Por conseguinte, os temas abordados nos anos 1950, a partir de *O cão sem plumas* (1950), são desigualdade social, fome e morte. Nas palavras do poeta, “o Brasil não é só o Nordeste, nem é só o homem de cultura baixa. O Brasil é um país de regiões adiantadas e de gente de cultura alta. Escrever, exclusivamente para um desses 'brasis', é ser injusto para com outro” (MELO NETO, 1969 *apud* MAMEDE, 1987, p. 141). Porém, a poesia de Cabral não atinge diretamente o homem de cultura baixa, ou seja, o homem nela mesma representada. Em 1973, o poeta havia constatado sua falha tentativa e concluído que “quem pode escrever para o

povo é o próprio povo. É a literatura de cordel” (MELO NETO, 1973 *apud* MAMEDE, 1987, p. 144).

*O rio*, poema publicado em 1953, é composto enquanto Cabral respondia a um inquérito no Itamaraty, acusado de subversão. A leitura e análise dessa obra, referente ao rio Capibaribe, foi primordial para discutir a visão crítica do poeta sobre literatura e realidade social no contexto dos anos 1950. As análises de entrevistas e textos críticos de Cabral desse período revelam um poeta defensor da literatura preocupada com a realidade social e a comunicação com o público leitor. Assim, poeta e crítico se entrecruzam a fim de dar-nos uma obra completa: de um lado o poeta, do outro, o crítico literário.

Retrocedendo ao cenário histórico-político da década de 40, tem-se o famigerado acontecimento mundial da 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Esse evento, além de destruição de inúmeras vidas, deixou legados no campo da ciência, como, por exemplo, a modernização da aviação, o melhoramento dos meios de comunicação, a matéria prima derivada do petróleo, etc. Por outro lado, a 2ª Guerra modificou a composição política do mundo. Assim, as potências que lutaram juntas contra o nazismo alemão e o fascismo italiano, EUA e União Soviética, agora lutavam entre si por poder político. Como destaca Ribera (2012), apesar da aliança de outrora, “as potências vencedoras guardavam uma profunda desconfiança mútua”. Isso gerou uma onda de instabilidade e insegurança que afetou até as micro relações pessoais. Trata-se da Guerra Fria.

O mundo, portanto, estava polarizado no cenário pós-guerra: de um lado EUA, capitalista e com intensas propagandas na defesa da democracia, e do outro, a URSS, comunista, a grande ameaça ao sistema de governo americano. As consequências desse novo mundo começavam a se mostrar nos anos 1950 no Brasil. A paisagem estava sendo modificada com a destruição dos espaços ditos históricos e ecológicos em prol da expansão do mercado; os costumes diários davam lugar a crescente cobrança de produtividade trabalhista.

O alinhamento do Brasil aos EUA durante a 2ª Guerra Mundial e seu posterior apoio a essa potência durante a Guerra Fria, trouxe repercussões para o campo da política e também da arte e literatura. A campanha liderada pelo senador norte-americano McCarthy (macarthismo), restringia e perseguia os cidadãos que possuíssem inclinações socialistas, “especialmente contra

intelectuais, jornalistas, escritores, cineastas e artistas em geral, marcando uma época de paroxismo ideológico” (RIBERA, 2012, p. 90).

O caso da acusação por práticas subversivas do escritor João Cabral de Melo Neto é lido como efeito exemplar dessa nova conjuntura política. O Brasil estava sob o segundo governo de Getúlio Vargas, eleito de forma direta, no começo da década de 1950, quando Cabral retorna ao Rio de Janeiro em 1952, para responder a um inquérito em que é acusado de subversão. Como destacou Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy (2007), em artigo que analisa as partes do processo desse episódio político envolvendo o escritor, a tentativa de intimidação ao poeta João Cabral de Melo Neto, acena para os efeitos da Guerra Fria no Brasil.

Concordando com outros autores, Godoy (2007) observou que a ascendência norte-americana na Guerra Fria contou com o alinhamento brasileiro. Getúlio Vargas não contava com maior espaço de manobra na política internacional, quando de seu retorno, após o mandato de Eurico Gaspar Dutra, teve que conciliar a pressão nacionalista com alinhamento e desenvolvimento associado. O caso João Cabral de Melo Neto “marca contradições que conduziram ao trágico desfecho do presidente, que se suicidou, em 24 de agosto de 1954” (GODOY, 2007, p. 1).

Na altura da acusação, o poeta já contava com as obras publicadas *Pedra do Sono*, *O Engenheiro*, *Psicologia da Composição* e *O cão sem Plumaz*. Tudo começou quando “(Cabral) despacha uma carta ao colega Paulo Cotrim Rodrigues Pereira, que serve em Hamburgo, na Alemanha, encomendando um artigo a ser publicado em uma revista ligada ao Partido Trabalhista Inglês” (CASTELLO, 1996, p. 116). João Cabral, em entrevista à Folha de São Paulo (1999), afirma que fez uma carta de brincadeira e que citava o nome Luiz Carlos, sobrinho de Cotrim, porém, foi interpretado como Luiz Carlos Prestes (líder comunista). Tal carta foi parar nas mãos de Mário Calábria (embaixador) por vias incertas. Calábria mandou-a aos militares com um bilhete advertindo formação de práticas comunistas no Itamaraty. Segundo Castello (1996), o exército não se importou com a referida denúncia, e então, Calábria mandou uma cópia para o jornalista Carlos Lacerda, inimigo número um de Vargas. Lacerda usou o jornal *Tribuna da Imprensa* para denunciar Cabral e mais quatro diplomatas brasileiros.

De acordo com Werneck (1999), João Cabral de Melo Neto acreditava que Lacerda não tinha interesse em ver os cinco jovens diplomatas em desgraça, seu alvo era Vargas. Por outro lado, em entrevista para a *Folha de São Paulo*, Mário Calábria diz que essa correspondência não foi escrita em tom de brincadeira. “Ele afirma [...] ter ouvido o poeta fazer profissão de fé esquerdista no Natal que passaram juntos, em 1952” (WERNECK, 1999). De um lado, portanto, a versão de Cabral, e de outro, a de Calábria. O poeta fica enfurecido com a acusação porque, apesar de suas ideias progressistas, não se considera um comunista. “Eu sou antifascista”, argumenta com amigos. “Mas, para eles, ser antifascista é ser comunista. Então, sou” (CASTELLO, 1996, p. 118).

O fato é que durante o inquérito, Cabral foi colocado em disponibilidade sem vencimentos por dois anos, junto a Antônio Houaiss, Amaury Porto Oliveira e Jatyr Almeida Rodrigues, sendo reintegrado à carreira diplomática sem que nada tivesse sido provado. Durante esse tempo, Cabral trabalhou como secretário de redação do jornal *A vanguarda*, dirigido por Joel Silveira, e como comentarista internacional do jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer. Em entrevista cedida a Augusto Massi na *Folha de São Paulo*, em 1991, Cabral contou que foi quem escreveu o artigo publicado na primeira página do *Última Hora* sobre a morte de Getúlio Vargas, “e que o povo pregou nos postes pela cidade”<sup>1</sup>.

Reintegrado à carreira diplomática, em 1954, trabalhou no Departamento Cultural do Itamaraty até 1956, quando foi removido para Barcelona com a missão de fazer pesquisas históricas no Arquivo das Índias de Sevilha. O período no Brasil foi de muita atividade literária. Pronunciou a conferência *Poesia e composição* na Biblioteca de São Paulo em 1952; publicou quatro artigos sobre *A geração de 45*, no *Diário Carioca*, em 1952; publicou o artigo *Esboço de panorama* na revista *Flan* (pertencente a Samuel Wainer), em 1953; publicou *O rio* (1953), que segundo o próprio escritor, foi “escrito às pressas [para um concurso do IV Centenário de São Paulo]”<sup>2</sup>; participou do Congresso Internacional de Escritores, com a tese *Como a Europa vê a*

---

<sup>1</sup> Athayde (1998, p. 49).

<sup>2</sup> Athayde (1998, p.106).

*América*, e do Congresso de Poesia de São Paulo com a tese *Da função moderna da poesia*, em 1954; publicou o volume *Duas águas*, que reúne livros anteriores e os inéditos *Morte e vida Severina*, *Paisagens com figuras* e *Uma faca só lâmina*.

Ademais, a geração de 45 surgiu logo após o advento da 2ª Guerra Mundial e, segundo a filóloga e professora de literatura, Luciana Stegagno-Picchio (2004), os escritores que nela publicavam suas obras assumem

o compromisso para com a sociedade e a sua atitude é mais crítica do que inventiva. O intelectual abre-se para a interdisciplinaridade enquanto conjuga em si, como amiúde ocorre, o poeta e o crítico literário, o ficcionista e o sociólogo; vira-se para o diálogo e o exige. E não só isso; recupera do passado remoto e recente ou ainda seleciona da contemporaneidade aquilo que lhe é realmente contemporâneo (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 590).

É dentro desse raciocínio que João Cabral desperta sua poesia e crítica. O poeta que se julgava incapaz de ser um competente crítico por falta de formação literária, demonstra sua crítica, maiormente, através de textos poéticos. Cabral considera-se inserido na geração de 45 se o conceito de geração trouxe a ideia de um período de tempo em que ao escritor é dado viver, e completa, em artigo publicado no jornal *Diário de Pernambuco* (1952), que “uma geração é definível mais pelos problemas que encontra do que por uma maneira comum de resolver seus problemas” (MELO NETO, 1952, p. 744). Ou seja, a cada um é dado um modo de enxergar e representar e poetizar os infortúnios sociais que assolam determinado período histórico.

Logo, quais são os problemas que assolam a geração de 45? Em quatro artigos publicados sobre literatura brasileira, Cabral lembra que os grandes inovadores da poesia brasileira foram os modernistas de 20 e 30 e, os autores de 45 incorporaram as técnicas literárias dos precedentes a fim de liberar sua mensagem particular. O problema da geração de 45 não era mais ser inventiva como as anteriores, mas ser renovadora sem parecer meramente copiosa. É o que Cabral chama de processo de “luta da libertação”. Tal luta ocorre pela presença de “núcleos de exploração” diferentes das décadas anteriores, em que os poetas de 45 buscaram uma extensão em relação aos poetas de 30, obtendo assim uma espécie de nova sensibilidade poética.

---

Nesses artigos presentes no jornal *Diário de Pernambuco*, divididos em 4 partes, Cabral discute, maiormente, a consciência literária dos poetas de 45. A cada escrito, trabalha as ideias do texto anterior, como numa espécie de *continuum*. A visão de Cabral é histórica. O poeta-crítico não analisa uma obra ou um autor, nem faz menções a nomes contemporâneos, isso se deve, talvez, a uma tentativa de neutralidade. Cabral prefere mostrar seu apreço aos nomes literários através de dedicatórias e do recurso da intertextualidade no corpo de sua própria arte. É interessante notar que embora assumindo tal comportamento, suas críticas não são rasas e lugares-comuns. Por vezes, dão suporte para análise de suas próprias obras e a de outros poetas, atribuindo, intrinsecamente, ao trabalho artístico uma atitude crítica perante a produção.

Em *Poesia e Composição* – conferência pronunciada na Biblioteca de São Paulo em 1952, Cabral explica que com o advento da modernidade, o conceito de arte não poderia se encaixar dentro de formas e temas preconcebidos, como o cânone clássico, por exemplo. Valem as palavras do crítico:

pode-se dizer que hoje não há uma arte, não há a poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos foram os artistas capazes de fundar um tipo de expressão original. Essa atomização não podia acontecer num período como o do teatro clássico francês. E embora caiba ao individualismo romântico a formulação de sua justificação filosófica, somente com o que se chama literatura moderna o fenômeno chegou a seu pleno desenvolvimento (MELO NETO, 1952, p. 731).

O poema *O rio* foi escrito enquanto Cabral estava em disponibilidade devido ao citado inquérito no Itamaraty. O poeta foi afastado dos encargos diplomáticos sem vencimentos durante dois anos e volta em 1954, sem que nada tivesse sido provado. Durante esse período, Cabral publicou críticas literárias e entrevistas em que defende a literatura realista em detrimento da literatura abstrata.

*O rio* é um longo poema “escrito em versos de arte mayor, isto é, traz os versos ímpares fixos e versos pares variáveis” (CASTELLO, 2008, p. 119). As estrofes se apresentam em oitava junto a rimas toantes intercaladas por rimas consoantes. Enquanto escreve, Cabral consulta os

mapas geográficos da região, configurando o que Benedito Nunes (1974) chama de “fidelidade cartográfica”. Nas palavras do crítico, o poeta:

narra as etapas de seu percurso geográfico, monotonamente percorridas, com a finalidade literal de quem fosse desenhando o mapa minucioso da região, de lugar em lugar, de povoado a povoado, de vila em vila, de cidade a cidade, até chegar ao Recife (NUNES, 1974, p.75).

O título completo desse poema cabralino é:

*O RIO*

*OU*

*RELAÇÃO DA VIAGEM  
QUE FAZ O CAPIBARIBE  
DE SUA NASCENTE  
À CIDADE DO RECIFE*

Assim, dispomos de um título que pode ser lido de duas formas. Na primeira, *O rio*, o poeta cria uma persona para o rio Capibaribe, utilizando artigo definido. Como complemento dessa individualização que é ao mesmo tempo vaga, há uma espécie de resumo de todo o poema. Dessa vez dá-se nome ao rio e informa sua trajetória.

Caracterizado como épico sem acontecimentos, *O rio* se refere ao Capibaribe e narra em primeira pessoa a trajetória de sua nascente ao deságue no mar do Recife. Através de uma linguagem prosaica e monocórdica, o extenso poema cabralino carrega uma forte crítica social à miséria do retirante nordestino, enquadrando-se na poesia de denúncia, mas sem abdicar o trabalho com a linguagem. Benedito Nunes (1974, p.75) destacou que nesse poema, a palavra se transfere ao rio, que “discorre sobre seu próprio curso, assumindo o duplo papel de agente narrativo e de objeto da narração”. Tem-se um “registro severo, que é seco pela ausência de idealização da realidade, e pobre não só nos elementos como na forma de seu grosso e rude tecido prosaico” (p.79). Abaixo, temos um exemplo de uma passagem de quando o rio diz das pessoas que com eles descem ao litoral:

Ao entrar no Recife,

não pensem que entro só.  
Entra comigo a gente  
que comigo baixou  
por essa velha estrada  
que vem do interior;  
entram comigo os rios  
a quem o mar chamou,  
entra comigo a gente  
que com o mar sonhou,  
e também retirantes  
em quem só o suor não secou;  
e entra essa gente triste,  
a mais triste que já baixou,  
a gente que a usina,  
depois de mastigar largou.  
(MELO NETO, 2003, p.134).

Um traço marcante é a repetição de vocábulos, estruturas, ritmos, imagens, que reforçam o conteúdo de denúncia no que diz o rio sobre sua viagem. Para João Cabral, de uma maneira geral, há dois métodos de composição artística. Aquele em que predomina a **inspiração** e outro em que o **trabalho de arte** dita a criação. Investindo explicitamente contra a arte inspirada, o poeta reduz esse tipo de produção como sendo o “eco” das experiências de seus criadores, e, é pela entonação e musicalidade que tenta reproduzir uma determinada espécie de estado de espírito. Já o trabalho de arte tende para a criação de um material artístico voltado às esferas intelectuais. Exige um esforço do produtor, pois além de criar, deve criticar seu próprio trabalho. Sua obra, acrescida de seus artigos críticos e entrevistas, é muito importante para uma melhor compreensão da poesia moderna no Brasil. Na década de 1950, o poeta, acusado de comunista, produziu uma poesia que denuncia a miséria que assola as pessoas pobres situadas no sertão pernambucano, mas não abdicou dos meios estéticos próprios da linguagem poética.

## Referências bibliográficas

ATHAYDE, Félix de. *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; FBN; Mogi das Cruzes, SP, Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto – o homem sem alma*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Diário de Pernambuco; FUND. JOÃO NABUCO. *Diário de Pernambuco*. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br>> Último acesso em 22 de setembro de 2016.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. “Direito e literatura: o poeta João Cabral de Melo Neto no Supremo Tribunal Federal – o mandato de segurança n.2.264”. Disponível em <<http://www.arnaldogodoy.adv.br/direito/dl5joacabralmeloneto.htm>> Último acesso em 21 de setembro de 2016.

MAMEDE, Zilá. *Civil geometria*. Bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Nobel, 1987.

MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis, Vozes, 1974.

RIBERA, Ricardo. *A guerra fria: breves notas para um debate*. Novos Rumos, Marília, v. 49, n. 1, p. 87-106, Jan/Jun., 2012.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

WERNECK, Humberto. *Embaixador expõe sua versão do episódio*. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de out. 1999.

Publicado em agosto 2020.